

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Camilla Baldo de Oliveira

PROTAGONISMO INFANTIL: discussões a partir de artigos e dissertações

Porto Alegre
2024

Camilla Baldo de Oliveira

PROTAGONISMO INFANTIL: discussões a partir de artigos e dissertações

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Bianca Salazar Guizzo

Porto Alegre

2024

Sou grata à minha família por serem minha fonte constante de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Bianca Salazar Guizzo, pela atenção dispensada à elaboração deste trabalho, principalmente pelos ensinamentos passados no decorrer das disciplinas ministradas no curso de Graduação. Experiências que não se restringem somente aos conhecimentos da Educação Infantil, mas também incluem ética e dedicação à profissão.

Aos meus pais, Eliete e Claudio, que sempre me ensinaram o verdadeiro significado de amor, perseverança e acreditaram nos meus sonhos.

À minha dinda, Elizete, minha maior incentivadora para o ingresso na Universidade.

Agradeço ainda, a todos os meus amigos, familiares e professores que me apoiaram nesse momento tão intenso e decisivo da minha trajetória.

E, com profunda gratidão, agradeço às crianças com as quais tive alguma vivência, capazes de construir memórias impactantes que permanecerão em minha mente.

“O educador se eterniza em cada ser
que educa”.

Paulo Freire

RESUMO

O principal objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é realizar uma pesquisa a partir de artigos e dissertações com o intuito de verificar o que tem sido publicado sobre protagonismo infantil articulado à Educação Infantil. A partir deste objetivo principal, desdobram-se dois objetivos específicos, quais sejam: 1) refletir sobre as contribuições de Maria Montessori e Loris Malaguzzi para compreendermos o entendimento de protagonismo infantil; 2) discutir semelhanças e diferenças sobre o modo de entender protagonismo infantil nos trabalhos selecionados. Para dar conta destes objetivos, empreendeu-se uma pesquisa inspirada na metodologia de revisão de literatura que teve como propósito destacar e resumir as ideias já formuladas por outros/as estudiosos/as (GIL, 2006). As fontes utilizadas nas buscas pelos trabalhos foram: Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), Google Acadêmico e Scielo. Os descritores utilizados foram: protagonismo, infância e Educação Infantil. A partir das buscas foram selecionados 10 trabalhos, sendo: cinco artigos acadêmicos e cinco dissertações. Os resultados apontaram que a maioria dos trabalhos articula o entendimento de protagonismo às ideias do campo da Sociologia da Infância em que as crianças são vistas como atores sociais, como sujeitos de direitos, participativos e com voz, evidenciando um novo modo de enxergá-las (DORNELLES; FERNANDES, 2015). Embora nem todos os trabalhos selecionados sejam sobre a Educação Infantil, grande parte deles salientou que esta é uma etapa crucial no desenvolvimento de crianças, marcado por descobertas, explorações e construção de conhecimento. Nesse contexto, o protagonismo infantil emerge como uma abordagem pedagógica que valoriza a capacidade das crianças de serem ativas na construção de seu próprio aprendizado. Essa perspectiva destaca a importância de respeitar a criança como um ser autônomo, capaz de tomar decisões, expressar suas ideias e participar ativamente do processo educativo.

Palavras-chave: Protagonismo; Educação Infantil; Infância.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Artigos selecionados para a pesquisa..... 25

Tabela 2: Dissertações selecionadas para a pesquisa**Error! Bookmark not defined.**

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ONU - Organização das Nações Unidas

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CMEI - Centros Municipais de Educação Infantil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MARIA MONTESSORI E LÓRIS MALAGUZZI: O QUE NOS ENSINAM SOBRE O PROTAGONISMO INFANTIL?.....	15
3. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	23
4. RESULTADOS: O QUE TEM SE DISCUTE SOBRE PROTAGONISMO INFANTIL?.....	24
4.1 Artigos.....	24
4.2 Dissertações	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

Hodiernamente muito se fala sobre as crianças serem protagonistas de suas próprias vidas, entretanto, pouco se faz para que isso se sobressaia. Ainda é bastante forte o entendimento, em nossa cultura, de que as crianças são seres que adotam uma posição de espera, à qual depende do adulto para que aprenda algo e, por conseguinte, consiga, ou não, realizar determinada tarefa. Além do que, caso falhe, é castigada. Episódios que se vinculam a esse entendimento, ainda são presenciados na sociedade atual, mesmo após muitos estudos, reportagens, educadores e profissionais da educação especializados no assunto, há quem diga que as crianças “só servem para brincar”.

As pesquisas com as crianças e não apenas sobre elas, têm sido frequentes nos diferentes ambientes em que elas circulam, afinal a escola é apenas o contexto principal que a criança vivencia, porém não é o único. Com efeito disso os questionamentos sobre o lugar que a fala da criança ocupa tornou-se pauta para muitas discussões dentro do âmbito educacional, segundo James e Prout (1990 *apud* Nascimento, 2019) as pesquisas encontradas apontam as crianças como sujeitos e trazem, em seu referencial teórico, autores dos estudos sociais da infância, portanto, defendem uma nova maneira de enxergar as crianças. Neste campo teórico, as crianças são vistas como atores sociais, como sujeitos de direitos, participativos e com voz. (Dornelles; Fernandes, 2015)

No campo da infância, temas como o protagonismo infantil são limitados dentro dos objetos de pesquisa selecionados, isto é, artigos e dissertações. Nessa perspectiva ressalto a importância da pesquisa nessa esfera, a qual apresenta autores que compartilham de uma compreensão que defende a participação e o protagonismo infantil. Outros trazem um significado ambíguo e ainda há aqueles que expõem ideias opostas. A partir dessas dimensões, foi possível realizar uma proposta rica e produtiva sobre o conceito de protagonismo, compondo uma pesquisa que visa ressaltar o que ele pode implicar e como funciona.

A Educação Infantil é uma etapa crucial no desenvolvimento de crianças, marcado por descobertas, explorações e construção de conhecimento. Nesse contexto, o protagonismo infantil emerge como uma abordagem pedagógica que valoriza a capacidade das crianças de serem ativas na construção de seu próprio aprendizado. Essa perspectiva destaca a importância de respeitar a criança como um ser autônomo, capaz de tomar decisões, expressar suas ideias e participar ativamente do processo educativo. Mesmo que não necessariamente valendo-se do termo “protagonismo” estudiosos como Maria Montessori e Loris Malaguzzi cujas discussões e ideias ainda reverberam quando se trata do modo como propomos a Educação Infantil, contribuíram significativamente para o desenvolvimento de teorias e práticas pedagógicas que buscam promover o protagonismo infantil nesta etapa da Educação Básica. Suas ideias inovadoras inspiraram, e ainda inspiram, educadores em todo o mundo a repensar o papel da criança no processo educativo, desafiando a visão tradicional de que o conhecimento é transmitido de forma passiva.

A ideia de Maria Montessori, que revolucionou a educação com sua abordagem centrada na criança, enfatiza a importância de reconhecer o papel ativo da criança no processo de aprendizado, ou seja, um educador não deve executar ações que a criança tenha a capacidade de realizar por conta própria. Esta declaração destaca a necessidade de os educadores permitirem que as crianças desenvolvam habilidades de independência e autoconfiança. Por outro lado, Loris Malaguzzi, fundador da abordagem educacional em Reggio Emilia (região localizada no norte da Itália), defende que a criança tem cem maneiras de expressar sua alegria, descoberta e amor. Diante disso, Malaguzzi reflete a crença de que as crianças têm múltiplas maneiras de interagir com o mundo ao seu redor e que a educação deve valorizar e nutrir essas expressões individuais. A abordagem de Reggio Emilia tem como base a ideia de que as crianças são competentes e capazes de construir seus próprios entendimentos por meio da exploração, da criatividade e da comunicação (Edwards; Gandini; Forman, 1999).

Este trabalho de conclusão tem como objetivo principal: realizar uma pesquisa inspirada em uma de revisão de literatura com o intuito de verificar o que tem sido publicado sobre protagonismo infantil articulado à Educação Infantil em artigos e dissertações.

A partir deste objetivo principal, desdobram-se dois objetivos específicos, quais sejam: 1) refletir sobre as contribuições de Maria Montessori e Loris Malaguzzi para compreendermos o entendimento de protagonismo infantil; 2) discutir semelhanças e diferenças sobre o modo de entender protagonismo infantil nos trabalhos selecionados.

Justifico, aqui, a escolha destes dois estudiosos, pois como relatarei mais adiante, suas ideias têm atravessado muitas práticas no âmbito da Educação Infantil. Além do que, em alguma medida, tais ideias colaboram com as discussões acerca do entendimento de protagonismo infantil. Por meio da análise de suas teorias e práticas, pretendo demonstrar como o protagonismo infantil não apenas beneficia o desenvolvimento das crianças, mas também enriquece o ambiente educacional como um todo, oportunizando um aprendizado mais dinâmico e centrado nas crianças.

Importante referir que a temática central relacionada ao protagonismo infantil como foco deste trabalho de conclusão emergiu das minhas próprias experiências profissionais e acadêmicas. Na minha vivência como professora na Educação Infantil, onde tenho atuado desde o início da graduação em Pedagogia, tive experiências tanto em uma escola montessoriana quanto em uma escola cujos pressupostos pedagógicos inspiram-se em Reggio Emilia. Em tais instituições, tenho procurado atentar minhas atitudes para a autonomia da criança, para o desenvolvimento saudável e para a construção de uma base sólida para o aprendizado ao longo da vida, isto é, tenho buscado incentivar que as crianças tenham a oportunidade de fazer escolhas, expressar suas opiniões e assumir responsabilidades apropriadas à sua idade, capacitando-as a se tornarem aprendizes ativos e autoconfiantes. Essas abordagens não apenas nutrem a independência e a autonomia das crianças, mas também promovem um senso de pertencimento e valorização, fortalecendo sua autoestima. Além disso, ao respeitar a voz e as escolhas das crianças, procuro

estabelecer um ambiente em que a curiosidade é incentivada e o amor pelo aprendizado é cultivado. A autonomia na Educação Infantil é, portanto, uma via de mão dupla, beneficiando tanto as crianças quanto os educadores, à medida que juntos exploram o emocionante mundo do conhecimento.

Saliento a relevância desse tema para minha docência, o qual venho estudando ao longo da graduação e praticando dentro e fora dos espaços institucionalizados da Educação Infantil. Como já dito anteriormente, lugar de criança é onde ela está, por isso é preciso fazer deste lugar um ambiente agradável, propício para seu conforto e para seu desenvolvimento e que não lhe cause prejuízos. O protagonismo quebra esse paradigma de que a posição da criança é uma posição de espera, as crianças são idealizadoras de suas próprias culturas e saberes (Corsaro, 2011). Como trazido a partir das contribuições de Dornelles e Fernandes (2015) no início deste trabalho, as crianças são sujeitos participativos e com voz, por isso suas opiniões, ideias e argumentações importam.

Para dar conta dos objetivos propostos para esta investigação, este trabalho está subdividido em cinco capítulos. Neste capítulo introdutório busquei apresentar as motivações profissionais e acadêmicas que me levaram a eleger a temática do protagonismo como central para esta pesquisa. Além disso, também já aponte o objetivo principal e os objetivos específicos desta investigação. No segundo capítulo, buscando dar conta do primeiro objetivo específico, apresento as ideias principais desenvolvidas por dois estudiosos que se alinham às discussões que proponho neste trabalho: Maria Montessori e Lóris Malaguzzi. Ademais, a título de descrição, também faço alguns apontamentos sobre como o entendimento de protagonismo aparece em dois documentos vinculados ao currículo da Educação Infantil: as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, descrevo brevemente a metodologia empreendida para realizar esta pesquisa. No quarto capítulo, apresento os resultados encontrados buscando resumir as ideias principais trazidas nos trabalhos selecionados. Por fim, traço algumas considerações finais a respeito

da pesquisa desenvolvida, bem como sinalizo as contribuições que a realização desta pesquisa trouxe para mim, enquanto pedagoga em formação.

2. MARIA MONTESSORI E LÓRIS MALAGUZZI: O QUE NOS ENSINAM SOBRE O PROTAGONISMO INFANTIL?

A palavra “protagonismo” tem origem no latim: *protos* quer dizer principal e *agonistes* significa lutador. Ser protagonista é ter papel de destaque num acontecimento, área ou situação. No campo da Educação, pode-se dizer que o conceito de protagonismo emergiu a partir das discussões propostas pelos escolanovistas. (Guizzo, Balduzzi, Lazzari, 2019, p. 274). O movimento escolanovista defende um conjunto de ideias que contrapõe o da escola tradicional, citando como exemplo a pedagogia do cotidiano, a qual compreende que as crianças aprendem de acordo com o cotidiano que elas estão inseridas, ou seja, uma forma de entender que as crianças aprendem pela via da vida cotidiana, por meio “dos encontros, atividades, dificuldades e sucessos, a partir de um repertório de práticas” (Brougère, 2012, p. 17 *apud* e Carvalho e Fochi 2017, p. 25)

Provocar o protagonismo é oferecer tempo para as crianças aprenderem, absorverem e aprofundarem-se no mundo, construir a autonomia de cada um no tempo gradual da criança a partir de suas necessidades. O protagonismo quebra esse paradigma de que a posição da criança é uma posição de espera, as crianças são idealizadoras de suas próprias culturas e saberes, a opinião e os argumentos delas são essenciais para qualquer decisão que lhes digam respeito. Expressar ideias é uma característica do protagonismo, embora, por si só, não permita "desencadear processos de protagonismo infantil autênticos, sustentáveis e perduráveis" (Gaithàn, 1998, p.85 *apud* Nascimento, 2019).

Alguns documentos curriculares específicos para a Educação Infantil, também têm privilegiado o protagonismo infantil. Como é o caso da Base

Nacional Comum Curricular (BNCC) a qual se inspira nos pressupostos defendidos pelo italiano Lóris Malaguzzi. Na BNCC, são estabelecidos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Destaca-se, nesse campo educacional ainda, o protagonismo infantil, no qual a BNCC o traz como foco em todo processo da infância, enfatizando que:

(...) nessa fase se deve garantir que os alunos exercitem seu protagonismo tanto na criação como na realização das atividades cotidianas em sala de aula, na escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo linguagens e elaborando conhecimentos (BRASIL, 2018).

O papel do professor, para propiciar a autonomia, é incentivar as crianças a buscarem suas próprias soluções, moldando os caminhos para que elas consigam tomar suas decisões, essas interações podem ser feitas a partir de questionamentos, indagações, demonstrando exemplos, construindo possibilidades sempre respeitando o tempo, o espaço e a opinião de cada uma delas (Brasil, 2018).

Além disso, o referido documento está estruturado em cinco campos de experiências, onde são especificados objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Um dos campos de experiência que trata o protagonismo infantil de forma indireta é o campo "O eu, o outro e o nós" que por meio da interação adulto-criança e criança-criança, elas vão construindo suas opiniões, argumentos, demonstram seus sentimentos, modo de agir e pensamentos, além de presenciar outros modos de viver que podem contribuir para essa constituição interna pessoal. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar

os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos (Brasil, 2018).

Adotar um posicionamento focado para ouvir as crianças não é uma tarefa fácil tendo em vista um cotidiano de sala de aula, para isso é necessário uma mudança de dentro para fora, para que, por meio de atitudes, falas, organização do ambiente, promoção de atividades e, principalmente, rodas de conversa sejam adotados dentro do ambiente escolar, assim, tudo ao redor da criança propiciará a autonomia, fazendo o papel do professor ser um mediador do processo e ela protagonista da sua própria trajetória.

Retomando os direitos presentes na BNCC, embora todos dêem relevância ao foco nas crianças, considero importante ressaltar o direito de “participar”. Na descrição deste direito salienta-se que as crianças devem participar com protagonismo de todos os processos que ocorrem no âmbito das instituições de educação que frequentam (Brasil, 2018). Esses processos podem ser momentos comuns do cotidiano, desde a escolha das atividades, discutir sobre a resolução e desempenho nelas, o aproveitamento dos ambientes da escola, bem como os materiais dispostos em sala e as brincadeiras. A participação não pode ser vista como uma obrigação, com roteiro e punições caso não seja efetivada, ela tem que ser algo natural, consentida, fazendo parte da rotina, tanto escolar quanto em outros ambientes. Participação não é apenas dar voz e dar voz não é apenas falar, é ter um lugar de fala, saber ouvir o que as crianças têm a dizer sobre seus interesses e necessidades. É debater sobre o que elas trouxeram e pôr em prática também.

Participar significa influir directamente nas decisões e no processo em que a negociação entre adultos e crianças é fundamental, um processo que possa integrar tanto as divergências como as convergências relativamente aos objectivos pretendidos e que resultam num processo híbrido (Tomás, 2007, p. 49).

Atualmente ainda presenciamos fazeres pedagógicos que ignoram os direitos das crianças, focam apenas em "repassar" conteúdo, cumprir planejamento e fazer avaliações, entretanto, a única experiência e vivência que permanece com isso é de uma educação rasa que não tem a criança como

foco principal. De acordo com Barbosa (2010 *apud* Guizzo, Balduzzi, Lazzari, 2019, p. 275) o entendimento de Pedagogia da Infância critica a reprodução de modelos educativos reducionistas e conservadores e respalda-se num “conjunto de fundamentos e indicações de ação pedagógica que tem como referência as crianças e as múltiplas concepções de infância em diferentes espaços educacionais”. Em outras palavras, uma pedagogia que vise a participação precisa dispor de espaços que oportunizem às crianças de viver a infância por meio de ações e projetos educacionais baseados em suas realidades, mas, também, as diversidades e que envolvam famílias, educadores e crianças. Para tanto, aspectos como a observação, a escuta e a negociação são fundamentais “para desenvolver um fazer e um pensar pedagógico que fogem à fatalidade” (Oliveira-Formosinho, 2007, p. 29 *apud* Guizzo, Balduzzi, Lazzari, 2019, p. 275).

Um exemplo de participação para além da sala de aula aconteceu em setembro de 2016 quando as crianças brasileiras participaram da reunião anual do Comitê dos Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (ONU), o qual é formado por um grupo de pessoas de todo o mundo, que são especialistas na defesa dos direitos das crianças e sua função é analisar os governos participantes o apoio e no exercício dos direitos da criança, fazendo recomendações sobre como podem melhorar para garantir os direitos da criança nos países. Este grupo se reúne em Genebra, na Suíça a cada dois anos e organiza o “Dia de Discussão Geral” – DDG (Day of General Discussion”), eles escolhem um tópico específico que diz respeito aos direitos da criança para ajudar às pessoas entenderem melhor o assunto. No ano de 2016 o Dia de Discussão Geral teve como tema “O Direito das Crianças e o Meio Ambiente”. Nesse dia foram discutidos assuntos como entender a relação entre os direitos das crianças e o meio-ambiente para identificar o que precisa ser feito para que os direitos das crianças e os assuntos relacionados ao meioambiente estejam conectados de maneira que melhores leis e políticas sejam colocadas em prática, para de fato melhorarem a vida das pessoas. Esse exemplo sugere com clareza o quão importante a participação das crianças importa para qualquer assunto, além de promover autonomia, elas

sentem-se seguras e pertencentes à sociedade, afinal é direito delas, porém, ainda hoje não é colocado em prática, tanto nos ambientes escolares como fora deles também.

Para além da BNCC, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) no Brasil não mencionam explicitamente o termo "protagonismo infantil". Entretanto, elas estabelecem princípios e diretrizes que, de certa forma, estão alinhados com a ideia de proporcionar às crianças oportunidades para serem protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem. As DCNEI enfatizam a importância de uma abordagem centrada na criança e em seu desenvolvimento integral, levando em consideração seus aspectos físicos, afetivos, cognitivos, linguísticos e sociais. As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades (Brasil, 2018, p. 16). As Diretrizes destacam a importância de respeitar a individualidade de cada criança, reconhecendo suas características, interesses, necessidades e potencialidades, além de salientar a importância da interação social e da participação ativa da criança no ambiente educacional, promovendo relações democráticas e respeitosas (Brasil, 2009). Como primeiro exemplo de uma pedagogia direcionada para o protagonismo infantil temos Maria Montessori, que foi uma das primeiras mulheres a ingressar na faculdade, onde se formou em Medicina e trabalhou como assistente de médica e pesquisadora no Hospital Psiquiátrico de Roma. Suas experiências com crianças com deficiências mentais nesse ambiente a levaram a se interessar profundamente pelo desenvolvimento infantil, buscando estratégias para o desenvolvimento das mesmas. Brazilino e Ramos (2021) argumentam que:

Para Montessori, as crianças precisam ser protagonistas em seu ato de conhecer-se, pois é importante para sua construção como cidadã, além de desenvolver sua autonomia e independência, já que quando a criança é estimulada a ser protagonista desde seus primeiros anos de vida, a mesma terá mais possibilidades de ser uma pessoa ativa no seu processo de construção. (Brazilino; Ramos, 2021, p.3)

Maria Montessori defendia que o protagonismo infantil é essencial para o desenvolvimento integral da criança. Ela via a educação como um processo ativo, no qual as crianças são incentivadas a explorar, descobrir e aprender por meio de sua própria iniciativa, com o apoio e a orientação do educador. Essas ideias continuam a influenciar práticas educacionais em todo o mundo, destacando a importância de respeitar e valorizar a capacidade das crianças de serem protagonistas ativas de seu próprio aprendizado. Dentre os fatos, algumas lições sobre o método são: ambiente preparado, autonomia, respeito pelo tempo e ritmo da criança, aprendizado ativo e interativo, desenvolvimento da vontade e da concentração e o educador como guia. Na teoria de Montessori é enfatizada a importância de criar um ambiente de aprendizado bem organizado e adaptado às necessidades das crianças. Esse ambiente deve permitir que as crianças escolham suas atividades e trabalhem de forma independente, além de reconhecer que cada criança é única e progride em seu próprio ritmo. Ela busca interligar liberdade, à independência e à individualidade junto às propostas educacionais (Brazilino; Ramos, 2021, p. 4) promovendo desenvolvimento da vontade das crianças, permitindo que escolham suas atividades e as concluam com sucesso. O professor montessoriano precisa observar e respeitar o tempo de cada criança, evitando pressões desnecessárias e oferecer oportunidades para que as crianças desenvolvam a autodisciplina e a independência.

Outro estudioso que no âmbito deste trabalho já foi mencionado e que traz em suas teorias o incentivo ao protagonismo infantil é Loris Malaguzzi cujos pressupostos, como dito anteriormente, inspiraram a construção da BNCC na parte específica da Educação Infantil. Ele foi um educador italiano que ficou conhecido pela abordagem educacional que desenvolveu na região de "ReggioEmilia". Ele nasceu em 1920, na cidade de Correggio, na Itália, e faleceu em 1994. Malaguzzi era um pedagogo e psicólogo, e seu trabalho teve um impacto significativo na Educação Infantil e na pedagogia em todo o mundo. Ele desempenhou um papel central na criação e no desenvolvimento

dessa abordagem educacional inovadora, que se espalhou por todo o mundo e influenciou a prática pedagógica em escolas e centros de Educação Infantil em muitos países. Seu trabalho é amplamente reconhecido e respeitado no campo da Educação Infantil e da pedagogia. Segundo o autor:

As crianças são percebidas como capazes e, de maneira autônoma, podem “extrair significado de suas experiências cotidianas através de atos mentais envolvendo planejamento, coordenação de ideias e abstrações (Malaguzzi, 1999, p. 91).

A abordagem Reggio Emilia, que leva o nome da cidade na Itália onde foi desenvolvida, valoriza a criança como um aprendiz ativo e enfatiza a importância da participação das crianças na construção de seus próprios conhecimentos. Ela também enfatiza a colaboração entre crianças, professores e pais na educação das crianças, outrossim, é conhecida por seu foco na expressão artística e no uso de diferentes mídias para permitir que as crianças expressem suas ideias e pensamentos.

Essa abordagem educacional destaca-se, em primeiro lugar, pela sua inovação desde o seu início. No período pós-guerra, quando as condições econômicas e sociais eram incertas e a primeira escola foi construída, nasceu ali um sonho de melhorar a vida das famílias e, principalmente, das crianças. Esse sonho foi construído com a força e a união da comunidade, permanecendo inovador, inspirador e capaz de estimular projetos ao redor do mundo. Em segundo lugar, destaca-se pela quebra de paradigmas tradicionais na educação. A compreensão vai além da relação tradicionalista entre o detentor do saber (professor) e o receptor (aluno). Nesse projeto educacional, propõe-se que o professor aprenda enquanto ensina, compreendendo a lógica de aprendizagem da criança por meio da escuta, que é o ponto central do trabalho pedagógico. A escola em Reggio Emilia está em constante mudança, pois o projeto educacional baseia-se no relacionamento e na participação, criando uma rede de comunicação entre crianças, professores e pais. Consequentemente, o trabalho na escola é reflexivo, sendo constantemente repensado e reconstruído. De acordo com Galardini (2017), a pedagogia de instituições que atendem crianças pequenas necessita ter como princípio a

função de acompanhá-las em seu desenvolvimento. Sendo assim, precisam propor práticas que possibilitem não só o bem-estar, mas estimulem o protagonismo e a autonomia das crianças. Quanto ao protagonismo infantil, conclui-se que para a criança se tornar protagonista do seu conhecimento, é necessário que esteja em um ambiente social, em intercâmbio com outras crianças e adultos, participando de práticas sociais historicamente construídas.

A internalização de experiências vividas propicia à criança a aprender conceitos, valores e formas de comportamento, contribuindo assim para o seu desenvolvimento integral. Segundo Malaguzzi (1999), as crianças são potentes, ricas e com cem linguagens, cabendo ao professor fazer um trabalho mediador, relacionando-se tanto com as crianças quanto com suas famílias. Para ele:

(...) é essencial estarmos focalizados sobre as crianças e estarmos centrados nelas, mas não achamos que isso seja suficiente. Também consideramos que os professores e as famílias são centrais para a educação das crianças. Portanto, preferimos colocar todos os três componentes no centro de nosso interesse (MALAGUZZI, 1999, p. 75).

Em tal projeto educacional propõe-se que o professor aprenda enquanto ensina, compreendendo a lógica de aprendizagem da criança por meio da escuta – que é o ponto central do trabalho pedagógico. A escola em ReggioEmilia está em contínua mudança porque o projeto de educação que propõe se baseia no relacionamento e na participação (rede de comunicação entre crianças, professores e pais), e, conseqüentemente, seu trabalho é reflexivo, repensa-se e reconstrói-se constantemente.

A respeito do protagonismo infantil, conclui-se que, para a criança tornar-se protagonista do seu conhecimento é preciso que esteja em um ambiente social, em intercâmbio com outras crianças e adultos, participando de práticas sociais historicamente construídos, internalizando experiências vividas que lhe propiciam dominar conceitos, valores e formas de comportamento. Como explicam Guizzo, Balduzzi e Lazzari (2019):

(...) relevante destacar a relação de confiança estabelecida entre professora e criança: há nesta relação respeito, cuidado e incentivo. Em decorrência dela, também retomamos o entendimento de protagonismo infantil, salientando que ele pode ser considerado como uma possibilidade, mas também como um desejo de que crianças e professoras construam uma relação que vise ao estímulo diário ao sucesso infantil diante da realização de pequenas tarefas realizadas.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa desenvolvida alinha-se aos pressupostos qualitativos de uma investigação. Mais especificamente, como apontei no capítulo introdutório deste trabalho, meu objetivo é realizar uma pesquisa, inspirada nos moldes de uma revisão, com o intuito de verificar o que tem sido publicado sobre protagonismo infantil articulado à Educação Infantil em artigos e dissertações. A partir deste objetivo geral, ainda há dois objetivos específicos: 1) refletir sobre as contribuições de Maria Montessori e Loris Malaguzzi para compreendermos o entendimento de protagonismo infantil; 2) discutir semelhanças e diferenças sobre o modo de entender protagonismo infantil nos trabalhos selecionados.

Meu intuito aqui não foi fazer um levantamento quantitativo de quantas produções teóricas e acadêmicas já foram desenvolvidas sobre a temática do protagonismo. Pelo contrário, meu intuito foi realizar uma revisão teórica a partir de buscas sobre o tema escolhido, com o propósito de desenvolver um entendimento mais aprofundado do assunto pesquisado. Sendo assim, recorri às contribuições de outros pesquisadores e outras pesquisadoras que já se debruçaram sobre o tema eleito para esta pesquisa. A finalidade da revisão, dentre outras, é destacar e resumir as ideias já formuladas por outros/as estudiosos/as, compará-las com alguns autores e autoras, mostrar possíveis contradições e também tecer críticas e elogios (Gil, 2006).

Para qualquer revisão, é necessário que se façam buscas em fontes reconhecidas. Para tanto, optei pelas seguintes fontes: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Google Acadêmico e Scielo. Os descritores utilizados nas buscas foram: protagonismo, infância e Educação Infantil. Destaco que,

pelos limites de um trabalho de conclusão de curso, em parceria com a minha orientadora, definimos que escolheríamos 10 trabalhos que considerássemos os mais alinhados ao propósito desta pesquisa. Destes 10 trabalhos escolheríamos: cinco artigos acadêmicos e cinco dissertações. Os 10 trabalhos que compuseram esta pesquisa foram escolhidos a partir da leitura atenta do seu título e do seu resumo. Além disso, também foram verificadas as referências utilizadas pelos autores dos trabalhos selecionados no intuito de observar com os referenciais que se alinham aos que estudamos nas disciplinas da área de Educação Infantil na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os trabalhos escolhidos foram organizados em tabelas, as quais estão inseridas no capítulo a seguir, em que apresento os resultados da pesquisa.

4. RESULTADOS DA REVISÃO: O QUE SE DISCUTE SOBRE PROTAGONISMO INFANTIL?

Este capítulo em que apresento os resultados da pesquisa que empreendi foi subdividido em seções, conforme o tipo de produção, ou seja: 1) artigos e 2) dissertações. Em cada uma das seções, inicialmente, apresento uma tabela em que estão sistematizados alguns dados sobre cada produção escolhida. A seguir, são apresentadas algumas considerações e reflexões a partir das obras visando compreender e refletir sobre os modos de entender o protagonismo infantil em cada uma delas.

4.1 Artigos

Nesta primeira seção trago as contribuições que têm sido publicadas em artigos acadêmicos sobre o protagonismo infantil. Na Tabela 1 constam alguns dados sobre os artigos selecionados e, na sequência, apresento as discussões sobre cada um deles.

Tabela 1: Artigos selecionados para a pesquisa

Título	Autores/as	Link de acesso	Ano de publicação	Periódico em que foi publicado
O protagonismo da criança na Educação Infantil: um diálogo entre o método Montessori e a BNCC	Thaís Mara Adão Brazilino e Mônica Ribeiro Ramos	http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/2164/1/Tha%20Mara%20Ad%C3%A3o%20Brazilino.pdf	2021	Revista Vivências (URI)
Protagonismo Infantil: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação da primeira infância em Bolonha.	Bianca Salazar Guizzo, Lucia Balduzzi e Arianna Lazzari	http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.64245	2019	Educar em Revista (UFPR)

O protagonismo como princípio favorecedor na educação da primeira infância	Bruna Valadares, Karine Corrente Sampaio e Dayane Batista, Christina Sampaio e Vasti Gonçalves de Paula.	https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/3607/1/O%20PROTAGONISMO%20COMO%20PRINCÍPIO%20FAVORECEDOR%20NA%20EDUCAÇÃO%20DA%20PRIMEIRA%20INFÂNCIA.pdf	2020	Vivências
Cultura, self e autonomia: bases para o protagonismo infantil	Sergio Fernandes Senna Pires e Angela Uchoa	http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722008000400004 .	2008	Psicologia: Teoria e Pesquisa
Protagonismo infantil: coconstruindo significados em meio às práticas sociais.	Sergio Fernandes Senna Pires e Angela Uchoa	http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2007000300002 .	2007	Paideia

Elaboração: a autora

O primeiro artigo selecionado, intitulado “O protagonismo da criança na Educação Infantil: um diálogo entre o método Montessori e à BNCC” (2021), de autoria de Thaís Mara Adão Brazilino e Mônica Ribeiro Ramos, tem como propósito aprofundar-se na teoria educacional de Maria Montessori, destacando sua contribuição para as práticas pedagógicas na Educação Infantil e sua capacidade de empoderar os alunos como protagonistas em seu contínuo processo de construção. A pedagogia científica de Montessori enfatiza a conquista da independência desde a Educação Infantil, buscando atender às necessidades específicas das crianças, estimulando-as a assumir o papel principal no ambiente escolar e na vida social. Os autores dedicaram-se sobre uma educação que coloca a criança como sujeito protagonista, ressurgindo a relevância do método educacional de Maria Montessori. A teoria montessoriana destaca que as crianças precisam ser protagonistas desde seus primeiros anos de vida para desenvolverem autonomia e independência e o professor montessoriano assume o papel de guia, permitindo que a criança seja a protagonista em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. O método Montessori aborda uma pedagogia científica, focando no ambiente preparado e no papel do professor como observador, permitindo que o aluno escolha os materiais que atendam às suas necessidades. Esse ambiente preparado proporciona desafios para as crianças agirem como protagonistas, desenvolvendo independência não apenas na sala de aula, mas também fora dela (Brazilino; Ramos, 2021).

A pedagogia montessoriana, ao interligar liberdade, independência e individualidade às atividades educacionais, contrasta com a rigidez da educação tradicional. O método incentiva a participação ativa dos alunos na sala de aula e na sociedade, promovendo um ambiente em que a passividade não é considerada disciplina, mas sim a participação ativa e consciente do aluno (Brazilino; Ramos, 2021)..

A eficácia pedagógica ganha terreno quando as escolas incorporam as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aos fundamentos montessorianos. Contudo, a realidade das práticas pedagógicas na Educação Infantil ainda revela resquícios de métodos tradicionais, onde educadores, mesmo diante de documentos referenciais, adotam uma abordagem bancária que desconsidera as necessidades, interesses e conhecimentos prévios dos

alunos. O estímulo ao protagonismo infantil pode começar desde a primeira infância, em casa e na escola, com a observação atenta e compreensão das manifestações espontâneas das crianças. Esse processo favorece a descoberta de interesses e a construção da personalidade. A participação ativa, o direito de se expressar e a consideração dos alunos são pilares na teoria montessoriana. Essa prática de envolvimento dos alunos no planejamento pedagógico é menos frequente nas escolas com abordagem tradicional. No contexto dos campos de experiências, o método montessoriano promove um aprendizado significativo baseado nas vivências das crianças, alinhando-se a uma pedagogia científica. Ao analisar a afinidade entre o método Montessori e a BNCC, compreendeu-se que ambos destacam a importância de práticas pedagógicas contextualizadas com as demandas da vida cotidiana dos alunos. Montessori destaca a autonomia e a independência desde a Educação Infantil, enquanto a BNCC enfatiza o desenvolvimento de habilidades e competências. A incorporação conjunta dessas abordagens promete um desenvolvimento amplo e significativo para as crianças da Educação Infantil, integrando a escola à vida social do aluno (Brazilino; Ramos, 2021).

No segundo artigo escolhido, “Protagonismo Infantil: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação na primeira infância em 27 Bolonha” (2019) de Bianca Salazar Guizzo, Lucia Balduzzi e AriannaLazzari, o protagonismo infantil é entendido como a participação efetiva da criança em seu desenvolvimento e na resolução de situações cotidianas, está intrinsecamente ligado aos espaços disponibilizados e à atuação docente. No contexto italiano, especificamente as escolas de Educação Infantil em Bolonha, contexto observado para construção do artigo, desempenha um papel de referência para pensar sobre como esses elementos potencializam o protagonismo infantil, observamos um cenário em que as crianças pequenas, com até cinco anos, têm conquistado protagonismo em diversos âmbitos, como o educacional, o investigativo e o publicitário. No Brasil, a formalização da educação voltada para esse público, a chamada Educação Infantil, tornou-se objeto de intensa discussão desde a promulgação da Constituição Federal de 1988. Esse marco legal estabeleceu a educação das crianças de zero a seis anos como um direito social, reafirmado posteriormente pelo Estatuto da

Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996).

A contemporaneidade reconhece as crianças como sujeitos de direitos, capazes de construir conhecimentos e participar ativamente em seu meio. O protagonismo, nesse contexto, é vinculado à capacidade das crianças de resolver problemas cotidianos sob a orientação dos adultos. Essa abordagem pedagógica rejeita a lógica capitalista, destacando a importância de oferecer tempo para que as crianças aprendam e se desenvolvam, construindo suas próprias culturas infantis (Guizzo; Balduzzi; Lazzari, 2019).

Dois conceitos relevantes são trazidos à discussão: a Pedagogia da Infância e a Pedagogia do Cotidiano. A primeira destaca a necessidade de a pedagogia das instituições que atendem crianças pequenas acompanhá-las em seu desenvolvimento, promovendo práticas que estimulem o protagonismo e a autonomia.

A Pedagogia da Infância consiste num espaço de interações orientadas para projetos colaborativos em circunstâncias que promovam a participação não somente do corpo docente, mas principalmente das crianças”(Guizzo, Balduzzi e Lazzari, 2019, p. 275).

Já a segunda ressalta a importância de vivências diárias e situações cotidianas para potencializar o protagonismo infantil. De acordo com Guizzo, Balduzzi e Lazzari (2019), é a partir das vivências e situações do dia a dia que são oportunizadas às crianças que tornem possível o protagonismo delas nos seus próprios processos de desenvolvimento.

A relação de confiança estabelecida entre professores e crianças é essencial: respeito, cuidado e incentivo nessa relação contribuem para o entendimento do protagonismo infantil como uma possibilidade real. O estímulo diário ao sucesso infantil em pequenas tarefas realizadas fortalece essa abordagem. O espaço, para além de uma estrutura física, é compreendido como um conjunto de relações, sentimentos e emoções. A participação das crianças é destacada como um direito de aprendizagem na Educação Infantil, devendo ser protagonista nos processos que ocorrem nas instituições de ensino. A experiência nas escolas bolonhesas evidencia a priorização das crianças, tanto na organização do espaço quanto na atuação docente. As práticas pedagógicas destacam as possibilidades e potencialidades das

crianças, respeitando seus tempos e especificidades. Em suma, a discussão sobre o protagonismo infantil na Educação Infantil revela a necessidade de proporcionar experiências diversas que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação e a participação ativa das crianças em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem. Essa abordagem reconhece que o aprendizado da criança é uma realidade que depende tanto de sua natureza quanto da experiência ambiental, dentro de um contexto cultural (Guizzo; Balduzzi; Lazzari, 2019).

O terceiro artigo, “O protagonismo como princípio favorecedor na educação da primeira infância” (2020) de Bruna Dayane Valadares Batista, Karine Christina Corrente Sampaio e Vasti Gonçalves de Paula, é fruto de uma pesquisa que emergiu do cenário de práticas educacionais vivenciadas em uma creche da grande Vitória, fortemente influenciada pela abordagem pedagógica de Reggio Emília. Nesse contexto, a temática do Protagonismo Infantil despertou o interesse das autoras, motivando uma profunda reflexão sobre a valorização da criança como um sujeito extraordinário, capaz de construir sua própria narrativa. Utilizaram algumas perguntas norteadoras como: "As ações docentes voltadas ao protagonismo podem favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil?", "O que a BNCC diz sobre o protagonismo?", "Quais são os benefícios do protagonismo para o ensino aprendizagem?", "Qual o posicionamento do professor em relação à criança e o protagonismo Infantil?". O termo "protagonismo" ganha destaque, definido como o papel principal desempenhado por alguém em uma história. No contexto educacional, o protagonismo infantil traduz-se na capacidade da criança de se comunicar, expressar-se e tomar decisões, conferindo-lhe autonomia em suas escolhas (Batista; Sampaio; Paula, 2020).

Os objetivos da pesquisa incluem a análise do impacto das ações docentes voltadas para o protagonismo no aprendizado e desenvolvimento infantil na Educação Infantil. Para atingir esses objetivos, as autoras adotaram uma abordagem qualitativa, utilizando questionários aplicados a profissionais da Educação Infantil na rede pública e privada de Vitória/ES (Batista; Sampaio; Paula, 2020).

Partindo da compreensão do protagonismo como a participação ativa e autônoma da criança no processo de ensino e aprendizagem, a pesquisa abordou hipóteses que indicam desafios na implementação desse princípio. Conforme Batista, Sampaio e Paula (2020, p.3) nossas crianças não têm sido protagonistas de seu próprio aprendizado, especialmente quando alguns docentes adotam abordagens tradicionais e centralizadas. Outra hipótese aponta para a necessidade de proporcionar tempo e espaço para que a criança desenvolva seu protagonismo no cotidiano escolar.

As autoras destacam a relevância do protagonismo nas práticas educacionais para que a criança possa perceber, interpretar, analisar, propor e agir em seu meio social. Essas experiências não apenas promovem um melhor desenvolvimento na construção do conhecimento, mas também cultivam o envolvimento, comprometimento e interesse das crianças no processo educacional. A pesquisa ressalta a abordagem pedagógica de Reggio Emília, destacando a pedagogia da escuta como uma prática que permite o agir livre da escuta reconhece a criança como um sujeito de direitos, encorajando sua expressão, opinião e interação com o ambiente da criança na sala de aula, viabilizando sua manifestação como protagonista. De acordo com as autoras, é crucial compreender que o protagonismo infantil vai além de uma simples participação em atividades; é a garantia de que a criança seja ativa, dentro e fora do ambiente escolar. Esse espaço para o protagonismo não desconsidera a responsabilidade do adulto no processo; pelo contrário, exige orientação cuidadosa, permitindo que a criança tome decisões com intervenções mínimas quando necessário (Batista; Sampaio; Paula, 2020).

No artigo é destacada a importância de transformar posturas dos adultos, adotando uma escuta ativa, intervindo menos, observando sem julgamentos e respeitando os tempos, escolhas e processos das crianças. Nesse contexto, a necessidade de estrutura adequada nas instituições de ensino, especialmente nas escolas públicas, é mencionada como um desafio a ser superado. As autoras concluem que o protagonismo infantil é uma temática de extrema relevância no contexto educacional, muitas vezes negligenciada. Os desafios incluem a implementação de ações que promovam o protagonismo nas práticas escolares, sendo necessária uma mudança de olhar em relação à criança e uma valorização de suas potencialidades. O caminho para efetivar o

protagonismo infantil demanda não apenas transformações estruturais, mas também uma mudança profunda nas posturas e práticas pedagógicas dos adultos envolvidos no processo educacional (Batista; Sampaio; Paula, 2020).

No quarto artigo, “Cultura, self e autonomia: bases para o protagonismo infantil” (2008) de Sergio Fernandes Senna Pires e Angela Uchoa, os autores exploram as bases do protagonismo infantil na sociedade, enfocando três elementos fundamentais: cultura, construção do self e autonomia. Ou seja, este artigo não é sobre protagonismo e Educação Infantil, mas é importante para verificarmos o que se tem entendido pelo conceito de protagonismo infantil para além dos muros das escolas infantis. Ao abordar as práticas culturais ligadas à institucionalização da infância, investigam como crenças e valores impactam a participação infantil nos processos decisórios, buscando superar as atuais limitações. A conclusão destaca que a abordagem co-construtivista oferece contribuições significativas para promover o protagonismo infantil, destacando as dimensões cultural e do sujeito construtivo (Pires; Uchoa, 2008).

A discussão aprofunda-se na análise do controle social sobre as crianças, revelando o poder do Estado e da sociedade adulta sobre seu desenvolvimento. Eles destacam a importância de compreender os contextos socioculturais que influenciam a ação participativa das crianças em decisões coletivas. Exploram, também, as dimensões da autonomia, desenvolvimento moral, responsabilidade social, crenças, valores, práticas culturais e motivação na perspectiva da abordagem sociocultural construtivista. Esta abordagem, fundamentada nas ideias de Mead, Baldwin, Vigotski e Piaget, enfatiza a visão sistêmica, contextualização na sociocultura, co-construção de significados e a interação entre canalização cultural e intencionalidade do sujeito (Pires; Uchoa, 2008).

A dimensão cultural é central, pois reconhece que a produção simbólica fundamenta o pensamento e caracteriza as ações humanas. O estudo das interações sociais e processos comunicativos é crucial para compreender o nível de liberdade e responsabilidade que cada sujeito pode alcançar em contextos culturalmente estruturados. Segundo os autores, a promoção da participação infantil implica investir na autonomia e na capacidade de autoconstrução, desafiando práticas culturais que possam limitar esse protagonismo. Ao considerar a influência da teoria social de

Durkheim, Valsiner (1998, 2007) propõe um modelo dialógico para explicar o desenvolvimento do self, destacando a interação entre pessoa e sociedade.

Os autores consideram a escolarização como um contexto propício para a participação infantil, mas também reconhecemos o desafio de enfrentar estratégias de disciplina e imposição de significados. A análise aponta para a necessidade de superar a separação entre o "mundo das crianças" e o "mundo dos adultos", questionando a prolongada infância como reflexo de concepções de inaptidão. Para além, refletem sobre a importância da comunicação dialógica na reprodução cultural, destacando a necessidade de um sistema complexo de interações para promover a participação infantil, enfatizando que, promover essa participação não significa incentivar a rebeldia, mas sim experimentar um sistema de interações baseado na iniciativa, responsabilidade compartilhada e compromisso (Pires; Uchoa, 2008).

Ao explorar a formação da subjetividade, reconhecem a influência da cultura na organização das funções psicológicas, estabelecendo limites e possibilidades para as ações individuais. Destacam, por fim, a importância de considerar as dimensões afetiva e emocional para uma compreensão mais completa dos processos de internalização. Para concluir, destacam a dinâmica entre sujeito e cultura, afirmando que a promoção da participação infantil é fundamental para realizar transformações socioculturais, reconhecendo que essa pluralidade desafia a hegemonia, abrindo espaço para mudanças significativas na sociedade. Em síntese, este artigo busca contribuir para a compreensão da promoção do protagonismo infantil, destacando a relevância da abordagem sociocultural construtivista e a necessidade de superar limitações culturais que possam impedir o pleno desenvolvimento das crianças como agentes ativos em suas vidas e na sociedade (Pires; Uchoa, 2008).

Por fim, o último artigo intitula-se "Protagonismo infantil: co-construindo significados em meio às práticas sociais" e é de autoria dos mesmos autores do artigo anteriormente trazido para o âmbito deste trabalho, porém foi publicado em 2007. Neste artigo, os autores pautaram-se nas seguintes questões orientadoras: O que vem a ser protagonismo infantil? Existem diferenças entre protagonismo e participação? Considerando-se as práticas sociais associadas à infância, sua institucionalização, separação do mundo adulto, será possível promover a participação real das crianças? Que nível de

participação é possível? Estas são questões que nortearam a elaboração deste artigo (Pires; Uchoa, 2007).

Uma das inquietações centrais se concentra na possível distinção entre protagonismo e participação. A reflexão nos leva a reconhecer que hierarquizar esses conceitos, principalmente com base na iniciativa ou responsabilidade na condução das ações, pode ser, na realidade, uma abordagem simplista. O verdadeiro cerne da questão reside em compreender como se realiza o processo decisório e quais compromissos são assumidos entre todos os atores envolvidos (Pires; Uchoa, 2007).

No âmago da discussão, a ideia de não hierarquizar previamente os níveis de participação se revela crucial. A atenção se volta para o modo como o processo decisório se desenrola, buscando garantir uma participação ampla (tanto de adultos, como de crianças). Aqui, percebe-se que, em diferentes contextos, haverá limitações que determinarão se crianças ou adultos se destacarão em momentos específicos.

Assim, desvendou-se a complexidade dessas dinâmicas para entender que o compromisso reside em criar espaços de diálogo e colaboração, onde crianças e adultos possam contribuir de maneira significativa. O processo decisório, quando fundamentado na escuta atenta, na valorização das contribuições de todos os envolvidos e no estabelecimento de compromissos compartilhados, torna-se uma via para a efetiva participação. Será que as práticas sociais atuais cooperam para que as crianças se afirmem como seres participativos no contexto social? (Pires; Uchoa, 2007, p.314).

A perspectiva do artigo é um convite à reflexão contínua, à reavaliação constante desses conceitos no contexto das práticas sociais associadas à infância. De acordo com os autores, ao abrir espaço para o questionamento, possibilita-se a construção de ambientes mais inclusivos, nos quais o protagonismo infantil e a participação sejam entendidos e promovidos de maneira dinâmica e adaptável, respeitando as particularidades de cada situação e de cada sujeito. A partir de uma perspectiva histórica, os autores percebem uma conexão entre escolarização, controle social e os critérios modernos de infância. A escola, concebida como local de cuidado da infância, surgiu no contexto das revoluções demográfica, econômica e social a partir do século XVII. Esse momento marcou a separação entre o mundo adulto e o das

crianças, conforme apontado por JanuszKorczak, Ariès e Sarmiento. A escolarização obrigatória, fundamentada no pressuposto da imaturidade infantil para a vida, contribuiu para o prolongamento da infância (Pires; Uchoa, 2007).

Os princípios que embasam a participação infantil ressaltam a importância de investir na autonomia, evitando tanto o surgimento de pequenos tiranos quanto a submissão dos adultos à vontade das crianças. Essa abordagem sociocultural construtivista propõe uma compreensão mais profunda do desenvolvimento do conceito de infância nas sociedades e destaca a capacidade das crianças em participar dos processos decisórios. Os autores argumentam ainda que superar a concepção da incapacidade e da incompletude torna-se fundamental para a efetivação da participação e do protagonismo infantil como uma realidade social. São necessárias análises mais profundas sobre como a incorporação dos critérios de infância pode fomentar uma maior interação entre crianças e adultos, possibilitando o compartilhamento de projetos, responsabilidades e compromissos (Pires; Uchoa, 2007).

Todos os artigos abordam o protagonismo infantil como um tema central, reconhecendo a importância de permitir que as crianças desempenhem um papel ativo em seu próprio desenvolvimento, aprendizagem e na sociedade em geral. De diferentes modos, cada artigo destaca a participação ativa das crianças no processo educacional, eles ressaltam que as crianças não devem ser meramente receptoras passivas de informações, mas sim participantes ativas na construção do seu desenvolvimento e do seu conhecimento. Para além disso, os artigos relacionam o protagonismo infantil com diferentes teorias pedagógicas, especialmente com os pressupostos montessorianos, com a abordagem de Reggio Emília e a análise sociocultural construtivista. Isso evidencia a diversidade de perspectivas teóricas que podem respaldar a compreensão de protagonismo infantil. Há um consenso sobre a necessidade de reconhecer as crianças como sujeitos de direitos, capazes de construir conhecimentos e participar ativamente em seu meio. Cada artigo enfatiza diferentes teorias pedagógicas. O primeiro foca na pedagogia Montessori, o segundo destaca a Pedagogia da Infância e a Pedagogia do Cotidiano, o terceiro relaciona-se com a abordagem de Reggio Emília, enquanto o quarto explora elementos culturais e construção do self. Os artigos conduzem suas

análises em contextos específicos, como o método Montessori e a BNCC, escolas de Educação Infantil em Bolonha, uma creche na grande Vitória, e uma discussão mais ampla sobre cultura, self e autonomia, além de adotar diferentes metodologias de pesquisa, como estudo de caso, análise de práticas educacionais, e pesquisa centrada em perguntas norteadoras. Cada abordagem fornece uma perspectiva única sobre o entendimento de protagonismo infantil, destacando elementos específicos como autonomia, independência, participação ativa na escola e na sociedade, a relação de confiança entre professores e crianças, e a importância da escuta atenta. Embora haja diferenças nas ênfases e abordagens, todos os artigos 62 convergem para a importância de buscar promover o protagonismo infantil como uma abordagem educacional significativa.

4.2 Dissertações

Nesta segunda seção procuro trazer algumas contribuições importantes que vêm sendo desenvolvidas junto a Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu sobre a temática do protagonismo infantil. Na Tabela 2 constam alguns dados sobre as dissertações escolhidas e, na sequência, apresento as discussões sobre cada uma delas.

Tabela 2: Dissertações selecionadas para a pesquisa

Título	Autor/a	Orientador/a	Link de acesso	Ano	Instituição
--------	---------	--------------	----------------	-----	-------------

O que dizem as crianças sobre suas vivências na Educação Infantil: tempos, espaços e interações para o protagonismo infantil	Flavia Helena Fernandes Pereira	Ana Maria Netto Machado	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?cid=1	2017	Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Planalto Catarinense
O protagonismo das crianças: diálogo entre conceitos e práticas que organizam a Educação Infantil.	Milena Liz de Oliveira	João Paulo Pooli	http://educapes.capes.gov.br/handle/1884/67527	2019	Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Paraná
A relação professor-aluno-conhecimento na Educação Infantil: princípios, práticas e reflexões sobre protagonismo compartilhado	Alvine Genz Gaulke	Gabriel de Andrade Junqueira Filho	http://hdl.handle.net/10183/70597	2013	Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Crianças bem pequenas no cotidiano da escola: tecendo relações entre participação e interesses de aprendizagem	Queila Almeida Vasconcelos	Maria Carmem Silveira Barbosa	http://hdl.handle.net/10183/131061	2015	Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul
O desenvolvimento da autonomia dos bebês a partir do movimento livre: diálogos com a Abordagem Pikler	Rafael Ferreira Kelleter	Rodrigo Saballa de Carvalho	http://hdl.handle.net/10183/264333	2020	Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Elaboração: a autora

A primeira Dissertação escolhida foi “O que dizem as crianças sobre suas vivências na Educação Infantil: tempos, espaços e interações para o protagonismo infantil” (2017) de Flávia Helena Fernandes Pereira. A Dissertação destaca a importância de compreender o mundo das crianças como fundamento para uma pesquisa, ressaltando que essa compreensão se baseia em diversas áreas do conhecimento que abordam a infância sob perspectivas distintas. O principal objetivo da pesquisa é colocar as crianças no centro do cenário escolar, reconhecendo que têm muito a ensinar e que é essencial ouvi-las.

Ao longo da leitura, evidencia-se a necessidade de perceber a criança como um ser humano completo, dotado de sentimentos, pensamentos, medos,

direitos e especificidades. O campo dos direitos da criança, em particular, é destacado como uma área que se desenvolveu nas últimas décadas, com foco no direito da criança ser escutada e desfrutar do máximo de liberdade e autonomia no contexto da Educação Infantil. A compreensão da criança contemporânea é apontada como possível ao ouvir suas vozes, interagir em suas brincadeiras e instigar suas curiosidades. Nesse sentido Martins Filho (2005, p.2) alerta:

O desafio é desconstruir a ideia de infância como objeto de constante regulação e controle, passando a valorizar a especificidade da infância e tornando as crianças agentes participantes nas decisões.

A pesquisa destaca a importância de os professores educarem seus olhares para aprenderem a ver, observar e conhecer as crianças, tomando-as como ponto de partida para a organização do tempo e do espaço nas creches e pré-escolas. Isso implica planejar aulas considerando a participação ativa da criança na construção do plano, respeitando seu tempo, suas vontades e reconhecendo sua competência (Pereira, 2017).

A evolução histórica do conceito de infância é mencionada, destacando que, até o século XVII, a infância era vista como uma fase em estágio preparatório para a vida adulta, e as crianças eram consideradas como adultos em miniatura. O reconhecimento da infância como uma fase específica do desenvolvimento humano é ressaltado como um avanço na compreensão dos direitos da criança. O texto aborda o conceito de protagonismo infantil, destacando que ainda não está completamente desenvolvido na literatura. Há menção de que algumas referências associam o protagonismo à participação da criança na sociedade, evidenciando que as práticas sociais dos adultos podem influenciar positiva ou negativamente na compreensão de protagonismo (Pereira, 2017).

A limitação da autonomia das crianças na escola é discutida, apontando que a preocupação dos professores muitas vezes está centrada em horários, rotinas e regras, deixando pouco espaço para as escolhas e decisões das crianças. A necessidade de os professores estarem abertos a planejar junto com as crianças, ouvindo suas curiosidades e considerando suas iniciativas, é enfatizada.

O texto conclui ressaltando a importância de compreender o protagonismo infantil como uma condição para a participação ativa das crianças na sociedade. De acordo com a autora, a pesquisa teve a intenção de contribuir para pensar uma educação de qualidade na Educação Infantil, reconhecendo as crianças em sua totalidade e respeitando seu desenvolvimento integral, proporcionando-lhes autonomia para se expressar e agir (Pereira, 2017).

A segunda Dissertação escolhida, recebe o título de “O protagonismo das crianças: diálogo entre conceitos e práticas que organizam à Educação Infantil” (2019) de Milena Liz de Oliveira. A análise proposta na pesquisa, fundamentada na perspectiva foucaultiana, concentra-se nas percepções do protagonismo infantil em três eixos presentes na configuração dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI): planejamento e currículo, avaliação e rotinas. Utilizando conceitos de governo e poder, a pesquisa busca compreender o protagonismo infantil como um dispositivo de governo, explorando a influência desses elementos na participação das crianças.

A pesquisa destaca a busca da educação escolar por práticas bem-sucedidas, modelos e experiências que possam ser implementados em instituições de Educação Infantil em tempo integral. A presença da criança como protagonista nos documentos educacionais levanta questionamentos sobre como efetivar o protagonismo em ambientes com múltiplas crianças e poucos professores, considerando as rotinas estabelecidas para a organização diária (Oliveira, 2019).

Apesar de ser um entendimento ainda em construção, segundo a autora, o protagonismo infantil pode ser definido como um conjunto de significados inseridos em uma ordem discursiva, sendo um enunciado que remete a diversos discursos.

A coexistência de discursos sobre o protagonismo e as rotinas, expressos nos documentos oficiais e nos discursos das pedagogas e professoras participantes da pesquisa, evidencia a complexidade da implementação prática desses conceitos (Oliveira, 2019).

A pesquisa destaca o papel central da criança nas propostas atuais da Educação Infantil, com ênfase no termo "protagonista". No entanto, como já destacado acima, ressalta-se a falta de uma definição clara e compreensão

unívoca desse conceito, levando a reflexões, debates e algumas críticas. O conflito entre os termos "participação" e "protagonismo" é mencionado, destacando a necessidade de experimentar um sistema complexo de interações que envolva iniciativa, responsabilidades compartilhadas e compromisso. As definições de participação e protagonismo infantil são discutidas, salientando que a participação é um direito básico para todas as crianças, enquanto o protagonismo é o processo a partir do qual elas desempenham o papel principal em seu desenvolvimento e comunidade para alcançar a realização plena de seus direitos (Pereira, 2017).

O texto destaca que a BNCC e as DCNEI são orientadoras da organização da Educação Infantil, priorizando a participação da criança em todas as etapas, incluindo a gestão. Portanto, a pesquisa revela que, embora as orientações atuais enfatizem a criança como protagonista na Educação Infantil, há discrepâncias entre o significado real do termo, sua intenção, interpretação pelos profissionais e aplicação prática (Pereira, 2017).

A terceira Dissertação intitula-se "A relação professor-aluno-conhecimento na Educação Infantil: princípios, práticas e reflexões sobre protagonismo compartilhado" (2013) de Alvine Genz Gaulk. Partindo das contribuições de Nóvoa (1995) que explora o conceito do triângulo pedagógico proposto por Houssaye (1988), a autora destaca a relação entre educador, educando e saber (Gaulk, 2013). Segundo esse conceito, dois vértices estabelecem uma relação privilegiada, enquanto o terceiro ocupa o "lugar do morto", expondo suas cartas, mas sem interferir diretamente no desenrolar do jogo. A autora compara o professor a esse terceiro excluído, ocupando uma posição passiva no jogo educacional, com menos poder e importância hierárquica (Gaulk, 2013).

No contexto do triângulo pedagógico, Nóvoa (1995) observa uma relação privilegiada entre alunos e conhecimento nos dias atuais, enfraquecendo o papel dos professores. Ele questiona discursos teóricos sobre tecnologias de ensino que contribuem para a desvalorização da relação humana e da qualificação dos professores. Embora reconheça a importância das tecnologias, destaca a impossibilidade de um processo educativo eficaz sem a mediação relacional e cognitiva dos professores.

O triângulo político, segundo Nóvoa (1995), envolve professores, Estado e pais/comunidade. Ele percebe uma tentativa de reforçar a relação entre Estado e pais/comunidade, relegando novamente os professores ao papel de "morto" na hierarquia.

O triângulo do conhecimento, também delineado por Nóvoa (1995), destaca três grandes saberes: o da experiência (professores), o da pedagogia (especialistas em educação) e o das disciplinas (especialistas em diferentes áreas do conhecimento). Nesse triângulo, o autor identifica uma desvalorização do saber dos professores em favor do saber científico dos especialistas e disciplinas (Gaulk, 2013).

Em contraste, a autora também se vale das argumentações de Meirieu (1998) que aborda o caminho didático, enfatizando a importância da relação entre os três lados do triângulo pedagógico: educador, aluno e conhecimento. Ele alerta contra a transformação dos objetivos em métodos, defendendo a consideração do lado do aluno para evitar que os objetivos se tornem prescritivos. Particularmente, Meirieu (1998) destaca o protagonismo do aluno no triângulo pedagógico. Ele argumenta que o caminho didático não pode ter um sentido único e destaca a necessidade de considerar as diferenças, singularidades e aquisições anteriores do aluno. O autor enfatiza que o caminho didático deve levar em conta o protagonismo do aluno na aprendizagem, reconhecendo sua capacidade de cortar atalhos, pegar desvios curiosos e aprender de maneiras inesperadas (Gaulk, 2013).

A autora complementa a discussão ao ressaltar que o protagonismo compartilhado entre professor e aluno é fundamental. Destaca características como conversa, interlocução, atenção, escuta e convivência como essenciais para o protagonismo compartilhado. Ela argumenta que, mesmo em uma relação hierárquica, é possível encontrar formas de protagonismo compartilhado, onde alguns sujeitos se unem para dominar os demais (Gaulk, 2013).

Ao longo da análise, a autora defende a ideia de equilíbrio entre os lados do triângulo pedagógico, caracterizado pelo protagonismo compartilhado. Ela destaca que esse protagonismo não acontece por acaso, sendo planejado, intencional e estudado, com base em princípios e práticas que incentivam e sustentam o protagonismo de cada sujeito na relação (Gaulk, 2013).

Em resumo, as análises de Nóvoa (1995) e Meirieu (1998) exploram a dinâmica do triângulo pedagógico, destacando as relações entre educador, aluno e conhecimento. Enquanto Nóvoa alerta para a desvalorização do papel dos professores nas relações educacionais atuais, Meirieu enfatiza a importância do protagonismo do aluno e propõe o equilíbrio entre os lados do triângulo como base para o protagonismo compartilhado (Gaulk, 2013).

A quarta Dissertação escolhida foi “Crianças bem pequenas no cotidiano da escola: tecendo relações entre participação e interesses aprendizagem” (2015) de Queila Almeida Vasconcelos. O texto aborda a importância da participação infantil na organização do cotidiano escolar, destacando a necessidade de considerar os interesses e ações das crianças como elementos fundamentais para promover uma educação mais participativa e democrática. A proposta é redefinir a função da escola, não apenas como um espaço para preparar os sujeitos para a vida social adulta, mas como um ambiente onde as crianças atuam e transformam a vida social desde a infância.

A pesquisa destaca três categorias de análise para organizar os interesses de aprendizagem das crianças: aprender na vida em comum, aprender pela vida cotidiana e aprender fora da "sala de aula". Essas categorias indicam que a participação infantil na escola está intrinsecamente ligada à compreensão das ações das crianças, à busca por compreensão, convivência e integração ao mundo, ressaltando a importância dessas aprendizagens na primeira infância (Vasconcelos, 2015).

A Dissertação propõe que a escola seja um espaço de vida compartilhada, onde os adultos consideram a curiosidade infantil como uma fonte valiosa para a organização do cotidiano. Destaca-se a necessidade de inverter a perspectiva tradicional da escola e compreender a democracia como uma prática habitada pelo pluralismo, promovendo a participação como uma prática cotidiana tanto para crianças quanto para adultos (Vasconcelos, 2015).

Além disso, a pesquisa aborda a relação entre a escola de Educação Infantil e os princípios da igualdade de Direitos Humanos. Destaca-se que a democratização da sociedade depende da consideração dos direitos das crianças, enfatizando que a escola não deve ser a única responsável pela constituição democrática, mas é um espaço privilegiado para o exercício da democracia (Vasconcelos, 2015).

A segunda parte da Dissertação explora a relação entre a participação infantil e a democracia, ressaltando a importância de pensar as instituições educativas como espaços onde a participação é uma prática cotidiana. Argumenta-se que a escola precisa se constituir como um ambiente democrático para promover a cidadania, considerando as condições reais de democracia. Destaca-se a necessidade de ouvir as crianças, compreender suas ideias e significações do mundo, e não impor expectativas adultas sobre seu futuro.

Por fim, a Dissertação destaca que a garantia da participação das crianças é um dever dos adultos que trabalham com elas diariamente. Propõe-se pensar a escola como um espaço de vida compartilhada e protagonismo compartilhado, enfatizando a escuta às crianças como um caminho para a efetiva participação na escola e na sociedade. O convite final é para que os educadores observem e reconheçam as ações das crianças no cotidiano da escola, confiando na diversidade de suas capacidades e reconhecendo que os interesses de aprendizagem das crianças também podem ser um convite para novas aprendizagens pelos adultos (Vasconcelos, 2015).

Por fim, a última Dissertação escolhida foi “O desenvolvimento da autonomia dos bebês a partir do movimento livre: diálogos com a Abordagem Pikler” de Rafael Ferreira Kelleter. O texto apresenta as contribuições do campo de estudos da Pedagogia da Infância, em diálogo com a Abordagem Pikler, a pesquisa teve como objetivo discutir a motricidade livre como uma das condições fundamentais para os bebês desenvolverem autonomia na creche. Na Abordagem Pikler, a autonomia é compreendida como a possibilidade de o indivíduo, movido pelo desejo, realizar algo por iniciativa própria. Assim, a opção por permitir que os bebês desfrutem de seus movimentos de forma livre, sem intervenção direta do adulto, contribui para a construção dessa autonomia.

A pesquisa buscou observar os bebês no cotidiano da creche, acompanhando como ocorre o desenvolvimento da autonomia deles por meio da motricidade livre. Além disso, teve objetivos específicos, como observar os deslocamentos dos bebês nos espaços da creche, identificar as posturas de transição dos bebês, observar e descrever as reverberações da organização dos tempos, espaços e materiais no desenvolvimento da autonomia dos bebês,

descrever como ocorriam as relações entre os bebês, entre os bebês e os materiais, e entre os bebês e as professoras. A pesquisa foi realizada com oito bebês, com idades entre 4 meses e 1 ano e 5 meses, por um período de seis meses, em uma turma de berçário de uma Escola de Educação Infantil na rede privada em Porto Alegre (RS) (Kelleter, 2020).

Metodologicamente, foram utilizadas estratégias como a observação pikleriana, o diário de campo e o registro fotográfico e filmico para a geração de dados. A análise dos resultados permitiu a definição de unidades analíticas, incluindo movimento livre e autonomia dos bebês em relação à mimese e aprendizagem cultural, interação com objetos, espaços e mobiliários, deslocamentos pelos espaços e interações com os pares.

Além disso, com base nessas observações, Pikler (2010) buscava destacar a importância de os bebês poderem se movimentar livremente, sendo educados com afeto e respeito à sua atividade autônoma. Pikler argumenta que o bebê, desde o nascimento, possui aptidões para a autonomia em seu nível, sendo parcial. Permitir ao bebê ser ativo e ter iniciativa em suas ações contribui para que ele exerça sua vontade, experimente suas capacidades e aprenda a aprender, desenvolvendo confiança em seus recursos (Kelleter, 2020).

A pesquisa também revelou que a Abordagem Pikler influenciou positivamente as relações entre adultos e bebês, uma vez que a autonomia dos bebês proporcionou uma dinâmica mais equilibrada. Adultos demonstraram uma abordagem mais tranquila no tratamento dos bebês, embora seja ressaltado que o contexto de uma escola privada com um número limitado de bebês na sala pode ter contribuído para esse processo (Kelleter, 2020).

As Dissertações abordam a importância da participação e do protagonismo das crianças na Educação Infantil, elas reconhecem que as crianças têm voz, desejos e capacidade de contribuir ativamente e autonomamente para o ambiente educacional e para o seus próprios desenvolvimentos. Outrossim, discutem a necessidade de superar visões tradicionais que tratam a infância como uma fase preparatória para a vida adulta. Há uma ênfase na valorização da singularidade infantil e no reconhecimento da infância como uma fase específica do desenvolvimento humano. As pesquisas mencionam, ainda, os modos como, historicamente, o

conceito de infância foi sendo construído e transformado, destacando que, na contemporaneidade, as infâncias ganharam mais visibilidade em diferentes campos. A legislação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), são citadas como orientadoras para as práticas educacionais. Todas as Dissertações abordam a limitação da autonomia das crianças na escola, muitas vezes vinculada a horários, rotinas e regras muito engessados. Elas destacam, ainda, a relevância de reconhecer a autonomia das crianças, permitindo que participem ativamente das decisões educacionais. Entretanto, cada dissertação adota uma abordagem teórica e metodológica específica, enquanto algumas se baseiam em teorias como a foucaultiana para analisar o protagonismo infantil, outras utilizam conceitos como o triângulo pedagógico ou a Abordagem Pikler para explorar temas relacionados à infância e autonomia. Embora todas as Dissertações tratem da Educação Infantil, há variações nos aspectos específicos abordados: algumas concentram-se na organização do espaço e tempo na Educação Infantil, enquanto outras exploram o protagonismo infantil em relação ao planejamento curricular, avaliação e rotinas, além de haver divergências quanto ao conceito de protagonismo infantil. Algumas Dissertações destacam a falta de uma definição clara e a compreensão unívoca desse conceito, enquanto outras buscam explorá-lo, associando-o à participação da criança na sociedade. Posto que haja divergências, todas as Dissertações convergem para a ideia central de reconhecer as crianças como agentes ativos em seu processo educacional, defendendo a relevância de ouvir suas vozes e garantir sua participação e protagonismo na escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o final deste processo de escrita, nesta seção final, reitero a extrema importância de ampliar e continuar as discussões sobre protagonismo infantil. A partir da pesquisa que empreendi, busco – aqui – estabelecer alguns pontos frutos da minha própria reflexão que fui estabelecendo em decorrência da leitura de cada uma das produções selecionadas. Como já destaquei no início deste trabalho, desde o início da graduação em Pedagogia, atuei em

escolas com abordagens pedagógicas diferenciadas, como a montessoriana e a inspirada em Reggio Emilia. Nessas instituições, aprendi a importância de buscar dar voz e autonomia às crianças, estimulando-as a serem protagonistas de suas próprias histórias.

O protagonismo infantil, para mim, transcende teorias pedagógicas; é uma prática que tenho buscado implementar dentro e fora dos espaços institucionalizados da Educação Infantil. Significa reconhecer que o lugar da criança é onde ela está, e é nosso dever criar ambientes acolhedores, propícios para seu desenvolvimento integral. Ao respeitar a voz e as escolhas das crianças, tenho buscado construir um ambiente onde a curiosidade é incentivada, e o amor pelo aprendizado é cultivado. O protagonismo quebra paradigmas, mostrando que as crianças são idealizadoras de suas próprias culturas e saberes, e suas opiniões, ideias e argumentações importam.

Na educação infantil é o momento de a criança se conhecer, construir sua identidade. Para isso, o educador precisa criar momentos nos quais ela possa agir de forma independente. Por meio da livre escolha, os alunos agem de forma autônoma dentro da sala de aula, exploram os espaços e seus limites, e isso contribui para que explorem o seu corpo, construam sua personalidade, posicionem-se, conheçam suas preferências, aprendam a respeitar os gostos e preferências do outro no seu convívio social. (Brazilino, 2021, p.13).

Este trabalho é o resultado de uma profunda imersão no tema do protagonismo infantil. Ao explorar as ideias de Maria Montessori e LorisMalaguzzi, bem como documentos curriculares nacionais, busquei compreender como a autonomia e a participação ativa das crianças são fundamentais na construção de uma educação mais significativa que promova o protagonismo infantil.

No decorrer desta pesquisa, dividi minhas reflexões em capítulos que apresentam não apenas as teorias estudadas, mas também a metodologia utilizada e os resultados encontrados. Cada etapa foi guiada pelo desejo de contribuir não apenas para a academia, mas também para minha própria prática como educadora, como para outros/as docentes envolvidos/as com a infância que se preocupem em valorizar os sujeitos infantis.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Bruna Dayane Valadares; SAMPAIO, Karine Christina Corrente; PAULA, Vasti Gonçalves de. **O protagonismo como princípio favorecedor na Educação da Primeira Infância.** 2020. Disponível em:<http://hdl.handle.net/123456789/3607>. Acesso em: 16/01/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

BRAZILINO, Thaís Mara Adão; RAMOS, Mônica Ribeiro. **Protagonismo da criança na Educação Infantil: um diálogo entre o método Montessori e a BNCC.** 2021. Disponível em <http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/2164>. Acesso em: 16/01/2024.

CAMÕES, Maria Clara de Lima Santiago. **O currículo como um projeto de infância: afinal o que as crianças têm a dizer?** 2019. 188 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio Janeiro, 2019.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância.* 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Eliana Maria. **Educação Infantil no cotidiano: diálogos entre adultos e crianças.** 2019. 161 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

DORNELLES, Leni Vieira; FERNANDES, Natalia. Estudos da criança e pesquisa com crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2015.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

GALARDINI, Anna. L. **Participación.** Barcelona: Octaedro, 2017.

GAULKE, AlvineGenz. **A relação professor-aluno-conhecimento na Educação Infantil: princípios, práticas e reflexões sobre protagonismo compartilhado.** 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUIZZO, Bianca Salazar *et al.* Protagonismo infantil: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação da primeira infância em Bolonha. **Educar em Revista**, v. 35, n. 74, abr. 2019, p. 271-289.

HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Abrindo as portas da escola infantil**: viver e aprender nos espaços. Porto Alegre: Penso, 2022.

IPA-BRASIL (org.). Crianças brasileiras participam da reunião anual do Comitê dos Direitos da Criança da ONU. **Disponível em**: <http://primeirainfancia.org.br/criancas-brasileiras-participam-da-reuniao-anualdo->

KELLETER, Rafael Ferreira. **O desenvolvimento da autonomia dos bebês a partir do movimento livre**: diálogos com a Abordagem Pikler. 376 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, Ideias e Filosofia Básica. IN: EDWARDS, Carolyn *et al.* (orgs.). **As Cem Linguagens da Criança**: A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARTINS FILHO, Altino José, DORNELLES, Leni Vieira (orgs). **Lugar de criança na escola e na família**: a participação e o protagonismo infantil. Porto Alegre: Mediação, 2018.

NASCIMENTO, Maria Leticia. Breve reflexão a respeito da pesquisa sobre protagonismo e participação da/na infância. **Cadernos da Infância**, São Paulo: 2019, nº1.

PEREIRA, Flávia Helena Fernandes. **O que dizem as crianças sobre suas vivências na educação infantil**: tempos, espaços e interações para o protagonismo infantil. Lages (SC), 2017.

PIKLER, Emmi. **Moverseenlibertad, desarrollo de lamotricidad global**. Madrid: Narcea, 2010.

PIRES, Sergio Fernandes Senna; BRANCO, Angela Uchoa. Cultura, self e autonomia: bases para o protagonismo infantil. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 24, n. 4, p. 415-421, dez. 2008.

PIRES, Sergio Fernandes Senna; BRANCO, Angela Uchoa. Protagonismo infantil: co-construindo significados em meio às práticas sociais. **Paidéia**, v. 17, n. 38, p. 311-320, 2007.

RIBEIRO, Bruna. **Abordagens participativas na educação infantil**. São Paulo: Passarinho, 2023.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

TOMÁS, Catarina. “Participação não tem Idade”: participação das crianças e cidadania da Infância. **Revista Contexto & Educação**, v. 22. n.78, p. 45–68, jun./dez, 2007.

VALSINER, Jaan. **Culture in mindsandsocieties**: Foundations of cultural psychology. New Delhi: Sage, 2007.

VASCONCELOS, Queila Almeida. **Crianças bem pequenas no cotidiano da escola**: tecendo relações entre participação e interesses de aprendizagem. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

VASCONCELOS, Queila Almeida. **O protagonismo das crianças como processo de aprendizagem, situado e contínuo, dos sujeitos na Escola de educação Infantil**: princípios, abordagem e sustentação. 2020.206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021.